TOMO VII
N.º 40

Seleções do Reader's Digest

SETEMBRO
DE 1974

Condensações de artigos de interesse permanente
Copyright © 1974 de Selecções do Reader's Digest (Portugal) S.A.R.L.

A praga global da inflação

A solução para acabar com os constantes aumentos de preços está ao nosso alcance; a única pergunta é: as nações do mundo terão coragem de aplicá-la?

Condensado de TIME

COMO UMA espécie de peste medieval, a inflação hoje está se estendendo sobre quase todos os países. Nos 12 meses mais recentes, para os quais há estatísticas, os preços de consumo em alguns países da Europa Ocidental subiram 10%, e, no Japão, nada menos que 24%. No Vietnam, os preços estão subindo 59% ao ano.

A orientação política desses países não parece fazer diferença. A Grécia, controlada por uma ditadura militar de direita, está sofrendo uma inflação de 33% ao ano; a conservadora Suíça, velho baluarte da prudência financeira, registra quase 12%; na Iugoslávia (país comunista, mas que, apesar disso, mantém um sistema de mercado) a inflação é de 22%.

As conseqüências desta espiral inflacionária internacional transcendem a economia e provocam ainda um aguçamento das divisões sociais e um enfraquecimento dos valores, à medida que a inflação beneficia os especuladores e mina a poupança. A pior ameaça da inflação é que ela, em

"TIME" (8 DE ABRIL DE 1974), © 1974 DE TIME INC., NOVA YORK

pouco tempo, faz diminuir a confiança nos governos e instituições democráticas e prepara o caminho para violentas adesões à direita ou à esquerda radicais.

Piorando as coisas (e enfraquecendo ainda mais a fé nos governantes), existe a desconfortável sensação de que nem os técnicos e peritos conseguem controlar a inflação. Muitos países têm feito experiências com alguma forma de controle de salários e preços, reajustes monetários ou de impostos e taxação sobre lucros elevados. Nada tem dado certo por muito tempo.

Contrato social. Como terão as mais fortes economias do mundo se metido simultaneamente em tal apuro, e o que poderão fazer para resolver seus problemas?

Algumas causas da atual inflação são prontamente identificáveis e parecem temporárias. Grande parte do aumento global nos preços dos produtos alimentícios pode ser creditado à pouca sorte. Uma série de «quebras» desastrosas nas colheitas de 1972, provocadas por excepcional mau tempo em todo o mundo, causou redução na produção de trigo, milho, soja e outros alimentos. Os países produtores de petróleo se aproveitaram do pânico originado pelos embargos e pelos cortes na produção, ordenados pelos árabes, para quadruplicar o preço do petróleo bruto em apenas seis meses.

Estas são só algumas das causas. É bem possível que, mesmo sem elas, tivesse havido uma inflação da ordem de 10%, ou mais. A inflação tem ocorrido principalmente como um devastador *subproduto* de duas tendências que ninguém parece querer conter: o aumento na afluência mundial e uma preocupação global dos governos mais fortes no sentido de evitar o desemprego.

Irving Friedman, economista do Banco Mundial e autor de *Inflation: a World-Wide Disaster,* relaciona o problema com o desemprego generalizado, as filas de pão e os levantes políticos da Grande Depressão. Essa experiência tem apavorado o mundo desde então, segundo ele, e feito com que os governos tenham estabelecido um novo contrato social com seus cidadãos, segundo o qual eles se comprometem a nunca mais se arriscarem espontaneamente a tanto desemprego e sofrimento outra vez. Esta preocupação tem feito com que os governos reajam a qualquer declínio do consumo, mesmo que tenham de injetar dinheiro artificialmente para manter a economia funcionando.

Essa tática tem dado bons resultados – à sua maneira. O mundo industrial tem mantido consistentemente as taxas de desemprego a níveis que seriam considerados incrivelmente baixos antes da Segunda Guerra Mundial, mas isto também significa que o mundo industrial tenha desperdiçado deliberadamente o que costumava ser sua principal arma contra a inflação. Por todo o mal que elas causaram, as depressões reverteram a espiral inflacionária: o desemprego em massa e os baixos salários diminuíram a demanda, e os industriais baixaram os preços para vender seus produtos.

Na realidade, a fim de acabar com o desemprego, muitos dos grandes países deram um impulso ainda maior à expansão econômica. Esta política acarretou uma explosão de afluência global; os salários crescentes deram aos cidadãos de quase todos os países industriais uma vida melhor do que a que sempre tinham levado, mas essa afluência teve sérias conseqüências inflacionárias.

À medida que crescia a prosperidade, cresciam também as expectativas das pessoas – por melhores casas, mais turismo, melhor educação, assistência médica mais bem equipada. Para conseguir tudo isso, os trabalhadores se endividavam a fundo e contavam com rápidos aumentos de salários para permanecer solventes. Os patrões nem sempre tratavam esses pedidos de aumento com cuidado; simplesmente os concediam e os jogavam nos custos, sob a forma de preços mais elevados. Para que pudessem pagar esses preços mais altos, os empregados achavam-se com direito a ganhar ainda mais. Eis aí uma excelente receita para a inflação, pois tal processo significa a elevação constante de um elemento *essencial* dos custos de qualquer negócio (os índices salariais).

Afluência e aspirações. O efeito inflacionário tem sido agravado por outro resultado da afluência, como o crescente custo dos serviços essenciais. Por exemplo, há 20 anos, os serviços perfaziam 34% do Produto Nacional Bruto dos Estados Unidos; hoje, representam 42%. Nas fábricas, o impacto dos salários mais altos pode ser contrabalançado pelo aumento no número de bens que um trabalhador produz por dia, mas tal aumento na produtividade é mais difícil de ser atingido nos serviços; a qualidade de educação, por exemplo, pode piorar, ao contrário de melhorar, se um professor der aulas ao dobro de estudantes que costumava ter. Mesmo assim, embora os empregados em prestação de serviços produzissem pouco mais, em termos econômicos mensuráveis, seus salários e rendimentos subiram em proporção aos da escala industrial.

A afluência também muda nossas atitudes em relação ao trabalho. As pessoas passam a exigir férias mais longas, educação mais prolongada e aposentadoria mais cedo; todas essas tendências cobram seu preço na produção de bens e serviços para atender à terrível demanda. Pior ainda, altos salários geram aspirações irrealistas. Mais trabalhadores passam a procurar empregos que tenham «significado», o que freqüentemente confundem com os empregos de melhores salários. A verdadeira necessidade, porém, está na área do operariado de mineração, construção civil, mecânica. Um número cada vez menor de pessoas aceita trabalhar em empregos tão «indignos». Nesta atmosfera, crescem as tensões e diminui a produtividade.

Outro grande efeito inflacionário da afluência é apenas uma questão de números: a crescente pressão da demanda mundial sobre as fontes de matéria-prima. Como observa o economista canadense Carl Beigie:

«O que ocorre hoje é que o bolo do mundo está sendo atacado por mais gente e com facas maiores.» Em 1973, os países pareciam querer comprar todo o trigo, milho, cobre, soja e arroz disponíveis, pelo preço que a mais incrível concorrência pudesse estabelecer. Esta luta continua em relação a muitos outros produtos.

Perante todas essas pressões, alguns economistas sugerem que a melhor solução é aceitar a inflação como permanente e fazer alguns ajustes para anestesiar o seu efeito.* Os adversários desta tese argumentam que esse é o conselho dos derrotistas; e que, aceitando oficialmente uma taxa inflacionária de, digamos, 6% ao ano, isto permitirá inevitavelmente que se exerçam pressões para elevar a taxa real bem além dessa percentagem.

No outro extremo, estão os economistas que sugerem «passar a economia por um liquidificador», diminuindo o consumo suficientemente para abaixar os preços, custe isso o que custar em termos de desemprego. No entanto, nos Estados Unidos, por exemplo, trazer a inflação a uma taxa anual de cerca de 2% obrigaria a um índice de desemprego superior a 13%, e o que isto representaria em sofrimento humano seria mais grave que o provocado pelos aumentos dos preços. Um contra-argumento seria o de «abrir as comportas», à expansão total, até que todas as pessoas potencialmente admissíveis conseguissem emprego, esperando-se, com isso, que os novos empregados produzissem bens e serviços suficientes para eliminar os cortes no suprimento. Esta idéia parece atraente, mas não daria certo. Muito antes que todas as mulheres ou adolescentes estivessem empregados, uma grave carência de mão-de-obra especializada e o acréscimo de custo com a contratação de mão-de-obra inexperiente fariam baixar drasticamente a produtividade e provocariam uma inflação inaceitável.

Ação mundial. No entanto, há alguns passos práticos que podem ser dados. Como a inflação se tornou doença mundial, um ataque efetivo a ela irá requerer extensa cooperação internacional – idéia que tem sido largamente rejeitada por nações determinadas a manter a todo custo o domínio sobre suas economias. Sem abdicarem de qualquer soberania essencial, as potências do mundo poderiam:

• Juntar-se para expandir a produção mundial de alimentos. Os Estados Unidos têm, com certo atraso, levantado as restrições a seus agricultores; o Mercado Comum Europeu deveria seguir o exemplo, alterando radicalmente sua política agrícola comum, que agora subsidia uma «colcha de retalhos» de pequenas e onerosas fazendas e inibe o desenvolvimento de uma agricultura eficiente

* Uma solução advogada por importantes economistas, e que está sendo testada de formas diferentes no Brasil, no Canadá e na Europa, é a «indexação», ou seja, ajustar os rendimentos, impostos, economias e mesmo as dívidas, de acordo com as tendências dos preços. Teoricamente, esses ajustes preservariam os rendimentos e o poder de compra reais.

e em larga escala. Além disso, as principais nações agrícolas deveriam se juntar para auxiliarem lugares como o Quênia e as bacias dos rios Amazonas e Congo a atingir seu vasto potencial como produtores de alimentos. A tecnologia já existe, mas os países do Terceiro Mundo necessitam de ajuda maciça em dinheiro, créditos e assistência técnica. As nações mais desenvolvidas poderiam fornecer essa ajuda. Cada tomate ou quilo de carne adicionais produzidos no mundo facilitam o alívio da pressão inflacionária.

• Criar um sindicato mundial de produtores. Seu principal objetivo seria o de buscar um acordo que acabasse com a frenética concorrência internacional por matérias-primas. Deveriam também determinar os preços da produção e consumo mundiais das matérias-primas mais importantes, para as nações planejarem suas importações mais racionalmente.

• Reformular as práticas comerciais. Uma mixórdia de taxas discriminatórias, cotas de importação e normas sobre as dimensões dos produtos restringem a capacidade dos consumidores de todas as nações de reduzirem seus custos de subsistência comprando produtos estrangeiros mais baratos. Quebrar essas barreiras deveria ser o principal objetivo das atuais negociações internacionais.

Mesmo assim, ainda seria necessário algo mais. A inflação é tanto uma questão de psicologia como de ação, ou inação, governamental. Talvez pareçam estranhas as idéias de que trabalhar duro é uma virtude, de que certas profissões *têm* dignidade e de que o aumento do lazer faz cair a produtividade – ou que isso se reflete na espiral inflacionária. No entanto, se há alguma lição a ser tirada da atual onda inflacionária, é a de que, simplesmente, ainda está para ser inventada a refeição grátis.

A PRIMA de minha mulher, que é professora numa escola primária americana, certo dia disse aos alunos que qualquer cidadão dos Estados Unidos pode vir a ser presidente. Um menino, que era muito bom aluno em história e política, perguntou se mesmo *ele* poderia ser presidente. Depois que ela lhe assegurou que sim, ele refletiu, e perguntou: «E se o ministério descobrir que eu não sei amarrar meus sapatos sozinho?»

– R. C. W.

CERTA noite, um casal estava em casa lendo o jornal. «O que é que faz com que as ações da bolsa subam e desçam?», perguntou a mulher.

«As pressões inflacionárias e a instabilidade fiscal», respondeu o marido, «e também o desequilíbrio internacional e as tensões políticas.»

A mulher refletiu um momento, e depois disse, desconfiada: «Se você não sabe, querido, por que é que não diz logo francamente?»

– C. Y.